

AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PROFESSORES ENGENHEIROS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA CIVIL

Sabrina Vieira¹
Scheila Beatriz Sehnem²
Ana Paula Rosa³

RESUMO

As habilidades sociais mostram-se como importante fator na prevenção de conflitos nas relações interpessoais e comportamentos problemáticos. O desenvolvimento de um amplo repertório de habilidades sociais acarretará relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de melhorar a saúde física e mental do indivíduo. Por outro lado, déficits e comprometimentos em habilidades sociais resultam em uma pior qualidade de vida e em diversos tipos de transtornos psicológicos. Tem-se a família como o primeiro grupo referencial desse comportamento, seguido pela escola, e o aprendizado dessas habilidades sociais continua ao longo da vida do ser humano. Esta pesquisa trata de um estudo exploratório que investiga o índice de habilidades sociais em professores engenheiros do Curso de Engenharia Civil de uma universidade comunitária do Meio-Oeste catarinense. Participaram da pesquisa 18 professores, dos quais nove são engenheiros civis, e os demais possuem formação em outras engenharias. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados um questionário estruturado e o teste Psicológico Inventário de Habilidades Sociais (IHS). Os resultados indicaram predominância de bom repertório de habilidades sociais. No entanto, há prevalência de incapacidade no autocontrole da agressividade e na autoexposição a desconhecidos e a situações novas, o que sugere necessidade de se trabalharem as habilidades sociais desses profissionais por meio de programas de treinamento de habilidades sociais.

Palavras-chave: Habilidades sociais. Professores engenheiros. Universidade.

1 INTRODUÇÃO

Habilidades sociais dizem respeito a um conjunto de comportamentos necessários para uma relação singular e interpessoal bem-sucedida. Bandeira, Del Prette e Del Prette (2006, p. 1) conceituam que habilidades sociais se referem à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais.

O desenvolvimento das habilidades sociais no indivíduo inicia-se no nascimento. Ao nascer todo ser humano traz consigo o seu jeito individual de se comportar, que está ligado à sua hereditariedade. Por conseguinte, o jeito de cada um se comportar será definido também pela aprendizagem, e o repertório de habilidades sociais se torna progressivamente mais elaborado ao longo do desenvolvimento (HOPS, 1983 apud DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2012).

A aprendizagem das habilidades sociais, de maneira geral, acontece nas interações familiares, no círculo de amigos, com o cônjuge, os colegas de trabalho e as mídias sociais, estando relacionada à observação realizada pelo sujeito, que caracteriza o outro como seu referencial, percebendo o que de-

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; sabrina.vieira.psc@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; scheila.sehnem@unoesc.edu.br

³ Especialista em Avaliação Psicológica pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora no Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; ana.rosa@unoesc.edu.br

terminado comportamento acarreta para ele ou para os outros. De igual forma o sujeito tende a repetir os comportamentos que têm consequências agradáveis e a excluir aqueles que têm consequências desagradáveis.

Considera-se a infância a fase mais delicada no que diz respeito à aprendizagem das habilidades sociais, pois a primeira inserção do indivíduo em um grupo social acontece na família, tendo como fonte de aprendizagem das crianças os seus pais, e, posteriormente, a escola, sendo o professor modelo e referência para a criança. Nesse sentido, a maneira como os sujeitos que compõem esses grupos se comportam socialmente nas diversas situações modela os comportamentos dessas crianças, pois estão sendo observados e imitados por elas (CABALLO, 2012).

Na vida adulta, novas habilidades sociais são requeridas: realização de tarefas em grupo, exercício de liderança em algumas atividades, habilidades sexuais com seu par, demandas sexuais próprias da independência em relação à família ou à constituição de uma nova família; há também relações decorrentes do contato de diferentes grupos culturais, tanto no exercício profissional quanto no lazer (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2012).

Por iguais razões, o ser humano necessita aprender continuamente novas habilidades sociais, uma vez que o seu ambiente está em contínua transformação e grande parte desse ambiente é social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2012, p. 18). Essas habilidades são indispensáveis para a relação saudável do indivíduo com o meio.

Ao longo do desenvolvimento humano, vários grupos e, conseqüentemente, várias pessoas tornam-se modelos referenciais. Entre esses modelos tem-se a figura do professor, que tem o papel social de estimular o indivíduo a aprimorar o seu repertório de habilidades sociais. Coll e Colomina (1996 apud BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002) afirmam que “o professor é uma figura essencial para a construção dos saberes e um facilitador das potencialidades humanas, é ele que insere o indivíduo no universo intelectual e é capaz de despertar a ânsia pelo conhecimento e pelo aprimoramento do indivíduo.”

Desse modo, sabe-se que a figura do professor está presente desde muito cedo na vida do indivíduo, desde a inserção da criança na escola até o ensino superior. Isso configura o professor universitário também como modelo aos seus alunos. Assim, o trabalho desse profissional ultrapassa as barreiras educativas tradicionais, pois demanda comportamentos próprios de seu campo de atuação que servem de exemplo para os alunos e para seu futuro êxito; todavia, apesar de necessitarem dessas ferramentas no seu dia a dia profissional, sabe-se que, muitas vezes, os professores não são treinados em nenhum momento de sua trajetória para lidar com questões interpessoais.

Entre as competências necessárias para o desempenho profissional em qualquer área estão as habilidades técnicas, as habilidades de compreensão das competências organizacionais e as habilidades sociais. Conhecer e, principalmente, desenvolver essas habilidades podem garantir a empregabilidade ou o desenvolvimento da carreira.

O mundo se apresenta aos nossos olhos com alta competitividade imposta por mudanças sociais e tecnológicas, reforçando de maneira inigualável a necessidade de se adequar à capacitação profissional e a novas exigências. Nesse contexto, optou-se por desenvolver um trabalho com os professores do Curso de Engenharia Civil, já que esses profissionais trazem consigo as atuais exigências em relação às competências e habilidades que eles precisam desenvolver para trabalhar em grupo, liderar pessoas, trabalhar com diversos tipos de conflitos e pressões (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002). Novos padrões de desempenho do trabalho, apoiados em critérios de duas ou mais ciências ou setores do conhecimento e capacidade para desempenhar diversas funções com competência passam a ser exigidos dos profissionais de Engenharia enquanto agentes de transformação tanto social quanto econômica (OLIVEIRA; SOUTO, 2005).

Sendo esses professores, agentes de formação e modelos referenciais dos seus acadêmicos e tendo a perspectiva de que as habilidades sociais se configuram como fator principal na relação que o indivíduo tem com a saúde, a satisfação pessoal, a realização profissional e a qualidade de vida, justifica-se a necessidade de se desenvolver um trabalho de investigação com o objetivo de mensurar as habilidades sociais nesses profissionais.

2 HABILIDADES SOCIAIS

O termo habilidades sociais representa um conjunto de desempenhos que devem ser apresentados pelo indivíduo diante das demandas a ele impostas diariamente, que refletem em suas relações interpessoais, incluindo-se as variáveis culturais que contribuem para a competência social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

As habilidades sociais também podem ser definidas como comportamentos que permitem o indivíduo ter uma interação social positiva tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, facilitando a iniciação e a manutenção de relacionamentos saudáveis e prazerosos, com capacidade de evitar situações desagradáveis que resultem em relações sociais negativas (GRESHAM, 2013). Para Caballo (2012), habilidades sociais são um conjunto de comportamentos que o indivíduo possui que envolvem o direito de expressão dos pensamentos, sentimentos e crenças pessoais, fazendo com que ele não se sinta mal com isso, agindo de maneira respeitosa com os demais, possibilitando que tenha facilidade para lidar com seus relacionamentos interpessoais, seja na vida pessoal, seja na profissional, minimizando a probabilidade de futuros problemas, nos mais variados contextos.

Del Prette e Del Prette (2011, p. 31), de forma mais abrangente e evidenciando aspectos relacionais, entendem que o termo habilidades sociais “[...] aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas.”

Portanto, o desenvolvimento de um repertório de comportamentos socialmente competentes está diretamente ligado à qualidade de vida, ao bem-estar físico e a uma boa saúde mental, significando que as interações sociais são extremamente importantes em todas as etapas do desenvolvimento humano. Por isso, é necessário desempenhar com esmero os papéis sociais, para que se consiga viver bem consigo mesmo e com o mundo que nos rodeia (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

A partir do exposto, percebe-se que o papel da família e da escola é determinante no processo da aprendizagem de comportamentos socialmente habilidosos, sendo estes indispensáveis em todas as áreas de atuação do indivíduo, para que ele consiga manter relacionamentos saudáveis, preservando a integridade de sua saúde mental de acordo com os aspectos culturais e sociais.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter descritivo. A pesquisa foi realizada com professores engenheiros do quadro funcional de uma universidade comunitária situada no Meio-Oeste de Santa Catarina. O quadro é composto por 36 professores do Curso de Engenharia Civil. Contudo, participaram da pesquisa 18 professores que compõem o colegiado do Curso, exercem a função de docência nas engenharias e são profissionais graduados e atuantes.

Por meio de convite efetivado pela coordenação de Curso, participou-se da reunião de colegiado, a qual é presidida pela coordenação do Curso e realizada periodicamente pelos professores que compõem o corpo docente do Curso de Engenharia Civil. Na oportunidade, os participantes foram in-

formados quanto aos objetivos do trabalho investigativo. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados foi realizada de forma individualizada na sala de trabalho de cada participante, conforme solicitado por eles. Os encontros foram realizados com agendamento prévio feito pela pesquisadora diretamente com os professores entrevistados.

Quanto aos instrumentos empregados durante a coleta de dados, utilizaram o teste psicológico Inventário de Habilidades Sociais (IHS) (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011) e um questionário estruturado contendo nove perguntas abertas, com o intuito de averiguar o conceito de habilidades sociais de cada indivíduo.

Todos os procedimentos éticos para pesquisas com seres humanos foram respeitados, assegurando o sigilo e a confidencialidade dos dados obtidos com os participantes.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A grande maioria dos aprendizados acontece por meio da aprendizagem vicariante, ou seja, pela modelação. Os professores, independentemente da faixa etária, são referências para o indivíduo (CABALLO, 2012).

Assim, a partir dos instrumentos utilizados, verificou-se o perfil sociodemográfico de professores de uma instituição de ensino comunitária, decorrendo do conceito de habilidades sociais, podendo-se constatar os resultados a seguir.

3.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

As habilidades sociais, segundo Del Prette e Del Prette (1999), iniciam-se no nascimento e são aprendidas ao longo do desenvolvimento humano. Dessa forma, para se verificar o índice de habilidades sociais de um grupo de sujeitos, faz-se necessário conhecer alguns dados sociodemográficos que podem influenciar diretamente nele. Visando compreender melhor as habilidades sociais dos sujeitos pesquisados, adentramos na realidade sociodemográfica deles. Os dados podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos participantes

Característica	Percentual
Sexo	
Masculino	76,47
Feminino	23,53
Idade	
20 a 30	17,65
30 a 40	41,18
40 a 50	11,76
50 a 60	29,41
Estado civil	
Casado	82,35
Solteiro	17,65
Pós-graduação	
Especialização	17,65
Mestrado	58,82
Doutorado	23,53
Tempo de trabalho na Instituição (anos)	
0 a 2	5,88
2 a 5	23,53
5 a 10	23,53
10 a 15	11,76
15 a 20	5,88
20 a 30	17,65
30 a 40	5,88
Carga horária semanal	
40	64,71
30	11,76
20	11,76
8	11,76

Fonte: os autores.

Como pode ser observado, foram encontradas diferenças significativas entre as médias obtidas no questionário estruturado, de acordo com o gênero. O percentual de professores do sexo masculino é de 76,47%, enquanto do feminino é somente 23,53% da amostra total, o que sinaliza uma predominância de homens formados em Engenharias. Carvalho (2006 apud SANTOS; MOGNON; JOLY, 2011), em pesquisa realizada com formandos de Engenharia, afirma que em termos sociais ela ainda é considerada prioritariamente masculina, estando atrelada ao estereótipo construído socialmente de que os homens estão mais aptos para as tarefas racionais, enquanto as mulheres são voltadas para o relacionamento interpessoal.

Quanto à faixa etária, 17,65% dos sujeitos pesquisados estão entre 20 e 30 anos, 41,18%, entre 30 e 40 anos, 11,76%, entre 40 e 50 anos, e 29,41% estão na faixa etária de 50 a 60 anos.

De acordo com Santos Sá e Almeida (2015, p. 60):

Em pesquisa finalizada em 2004, sobre as trajetórias profissionais de professores engenheiros, aqui revisitada, dos 259 professores engenheiros que trabalhavam em instituições de ensino superior públicas de uma região do estado de São Paulo, 184 tinham entre 40 e 59 anos, e os professores entrevistados, que vivenciavam a última década no exercício da docência, indicavam a expectativa de poderem continuar a trabalhar no ensino e na pesquisa após a aposentadoria.

Quanto ao estado civil, 82,35% são casados e 17,65%, solteiros. O alto índice de sujeitos casados pode estar relacionado à faixa etária na qual a grande maioria se encontra. De acordo com dados do IBGE, segundo Junior (2012):

A pesquisa do IBGE indica que os brasileiros estão se casando cada vez mais tarde. A idade média dos homens solteiros na data do casamento foi de 26 anos, três anos a mais do que fora observado em 2001. Já as mulheres tinham, em média, 28 anos, dois anos a mais do que dez anos antes. As oportunidades de trabalho e educação, assim como a opção cada vez mais comum de convívio em união consensual, são fatores que influenciam no adiamento da formalização das uniões e, conseqüentemente, na elevação da idade de solteiros na data de casamento.

Os professores apresentam um alto nível de qualificação, na medida em que 23,53% possuem doutorado, 58,82% possuem mestrado e 17,65% possuem especialização. De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2010, p. 1), “São condições prévias indispensáveis para o requerimento de credenciamento como universidade ‘um terço do corpo docente, deve ter como titulação mestrado ou doutorado’, conforme o inciso II do art. 52 da Lei n. 9.394/1996.”

Em relação ao tempo de trabalho na instituição, 5,88% dos profissionais trabalham de zero a dois anos. Huberman (2000 apud ROSSI; HUNGER, 2012) classifica essa fase inicial, entre um e três anos de carreira,

[...] como sobrevivência, descoberta e exploração. A sobrevivência se dá entremeio ao choque com o real (confronto inicial com a complexidade profissional), envolvendo as preocupações consigo mesmo, os desencontros entre os ideais e as realidades e o enfrentamento a outras dificuldades do contexto [...]

O tempo de trabalho predominante na instituição está no período de 2 a 15 anos, pois 23,53% estão no período de 2 a 5 anos; 23,53%, entre 5 e 10 anos; 11,76%, entre 10 e 15 anos; 5,88%, de 10 a 15 anos; 17,65%, entre 20 e 30 anos, e 5,88%, entre 30 e 40 anos. Segundo Rossi e Hunger (2012), entre os sete e os 25 anos de atuação o professor:

[...] experimenta novas práticas e diversifica métodos de ensino, tornando-se mais crítico. Pode se caracterizar, também, como uma fase de questionamentos, gerando uma crise, seja pela monotonia do cotidiano da sala de aula, seja por um desencanto causado por fracassos em suas experiências ou por reformas estruturais.

Quanto à carga horária semanal dedicada ao ensino superior, os professores com 40 horas semanais representam a maioria (64,71%). De acordo com Dal Rosso (2006 apud PINTO; DUARTE; VIEIRA, 2012), “os ritmos, os tempos, as condições de trabalho e as exigências impostas aos trabalhadores/as agravam sua intensidade e indicam fortes conseqüências sobre a saúde desses, em seus aspectos físico, emocional e cognitivo.”

Dessa forma, observa-se que 76,47% dos sujeitos entrevistados são do sexo masculino e que a grande maioria atua há mais de cinco anos na instituição, com uma média de 40 horas semanais. Desse total, 41,18% estão na faixa etária entre 30 e 40 anos, 82,35% são casados, e todos apresentam alto nível de qualificação.

3.2 CONCEITO DE HABILIDADES SOCIAIS

O profissional engenheiro que desempenha a função de docente possui relevante importância no desenvolvimento social dos alunos. Bandura (1977 apud BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002) afirma

que os membros de uma organização aprendem a se comportar por observação das condutas dos que os rodeiam.

As atuais exigências do mercado de trabalho estão remodelando a vida profissional dos sujeitos, pois reconhecem as habilidades sociais como importante fator para um melhor desempenho profissional e a minimização de problemas de relacionamentos interpessoais. Em decorrência disso, passam a valorizar o sujeito competente quanto às habilidades sociais.

Del Prette e Del Prette (2011, p. 31) evidenciam a importância do desenvolvimento de habilidades sociais, pois estas “[...] aplicam-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas.” Porém, para compreender a importância dessas habilidades se requer uma compreensão sobre o que vêm a ser habilidades sociais. Conforme citam Del Prette e Del Prette (1999, p. 29), as habilidades sociais correspondem a um universo mais abrangente das relações interpessoais e se estendem para além da assertividade, incluindo as habilidades de comunicação, de resolução de problemas, de cooperação e aquelas próprias dos rituais sociais estabelecidos pela subcultura grupal. Por conseguinte, podemos analisar a tabela a seguir, que mostra por categoria dos sujeitos pesquisados qual sua concepção sobre o tema.

Tabela 2 – Entendimento de habilidades sociais na percepção dos sujeitos

Categoria	Sociabilidade/ Civildade		Empatia/ assertividade		Inteligência emocional		Inassertividade	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Gênero								
Quantidade	3	7	0	4	1	1	0	1
Total	10		4		3		1	

Fonte: os autores.

Observa-se que 10 sujeitos compreendem habilidades sociais como habilidade de conviver de modo respeitoso em sociedade e estar integrado com os outros seres humanos, conseguindo conviver socialmente, ou seja, ter capacidade de se relacionar com o outro. Esse entendimento está ligado a dois conceitos atrelados e que compõem as classes de habilidades sociais, sendo sociabilidade e civildade, definidas como o desejo nato do ser humano de viver em sociedade e estar integrado com outros seres humanos, realizando troca permanente baseada na comunicação e estabelecendo redes. A sociabilidade deriva do convívio entre os sujeitos e se mantém por afinidades. Ela existe para ligar os seres humanos pelo seu todo, seja por entrosamento de ações, desejos, exigências e/ou interesses em comum. É a integração de pessoas distintas que conseguem conviver socialmente. Esse conceito está presente na fala do S3-F: “conseguir se relacionar com pessoas de diferentes meios e culturas, de forma a ter uma boa convivência. Saber lidar com as opiniões e ideias de diferentes pessoas.” (informação verbal).

Complementa-se esse conceito a uma das principais características de sociabilidade, estando relacionado à integração das formas de pensamento ou por oposição, ou seja, habilidade de as pessoas encontrarem uma forma de interação em meio às ideias opostas ou diferentes (BAECHLER, 1996). Nesse aspecto, o S9 (M, 30-40 anos) descreve “não usaria o termo habilidade, mas, sim, a maneira de viver em sociedade. Viver de forma educada e com respeito. Sabendo nossos deveres com a sociedade.” (informação verbal). Segundo Holanda (apud DANTAS FILHO, 2013), a “expressão homem cordial discorre sobre cordialidade e civildade, atraso e modernidade, tradição e renovação, privado e público.” Para Buarque de Holanda (apud DANTAS FILHO, 2013), a “definição de civildade é proporcional à ética, à moderni-

dade, à renovação, à educação, pois o indivíduo que tem como prerrogativas a civilidade é, e deve ser, cordial, ético e principalmente educado, tanto nas ações quanto no comportamento.”

Para quatro sujeitos, a percepção de habilidades sociais se equivale ao conceito de duas classes de habilidades sociais, “assertividade” e “empatia”. Del Prette e Del Prette (2009, p. 175) conceituam a assertividade como “uma classe de habilidades sociais de enfrentamento em situações que envolvem risco de reação indesejável do interlocutor, com controle da ansiedade e expressão apropriada de sentimentos, desejos e opiniões.” “Ela implica tanto na superação da passividade quanto o autocontrole da agressividade e de outras reações não habilidosas.” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 1-5). Esse conceito está presente na fala de outro sujeito (M, 40-50 anos): “respeitar opiniões, saber escutar, saber opinar na hora correta, expressar-se bem (oral/corporal), saber vender um projeto.” (informação verbal).

“A empatia corresponde à capacidade de compreender, de forma acurada, bem como de compartilhar ou considerar sentimentos, necessidades e perspectivas de alguém, expressando esse entendimento de tal maneira que a outra pessoa se sinta compreendida e validada.” (FALCONE et al., 2008). Nesse sentido, o S11 (M, 50-60 anos) relata como “capacidade de se fazer entender e entender as pessoas que convivem no seu entorno.” (informação verbal).

Para três sujeitos, o conceito de habilidades sociais está atrelado ao conceito de inteligência emocional, como pode ser observado nas falas de S14-F e S15-M: “habilidade de reagir a diferentes situações”; “capacidade de lidar com situações onde o equilíbrio intelectual e emocional são necessários.” (informações verbais).

Essas compreensões engajam-se no conceito de inteligência emocional definido por Goleman (1996) como “um conjunto de habilidades que podem ser desenvolvidas, essas, agrupadas em cinco habilidades básicas e interdependentes denominadas por autoconsciência, automotivação, autocontrole, empatia e sociabilidade.” De modo sucinto, significa levar inteligência à emoção, equilibrando razão e emoção.

Um sujeito compreende habilidades sociais como uma forma de se omitir diante de uma relação em que as ideias *são opostas*, como podemos perceber no seguinte relato: “Nunca dizer aquilo que a pessoa não deseja escutar, apenas de forma muito indireta.” (S17-F, informação verbal).

Para Lipp e Benzoni (2015), o omissivo ou o inassertivo fala de forma “fraca”, não olha nos olhos do seu interlocutor, demonstra insegurança e medo de expor suas ideias e seus pensamentos e tende a não conseguir se posicionar em uma discussão. Tal afirmação realça o equívoco expressado pelo entrevistado no que se refere à compreensão de habilidades sociais, tendo classificado seu entendimento em um dos fatores que compreendem o déficit em habilidades sociais.

Torna-se oportuno observar que a grande maioria dos sujeitos desta pesquisa entende que habilidades sociais se referem à conduta de como se relacionar perante o outro, seja no contexto profissional, seja no familiar e no social. Esse entendimento está vinculado com a literatura, *porém não engloba o conceito de* habilidades sociais como um todo. Saber se relacionar de maneira satisfatória com o outro não se caracteriza como ter “competência” social. O modo como o sujeito se relaciona consigo mesmo também precisa ser observado no seu repertório de habilidades sociais.

De modo geral, percebe-se que os sujeitos desta pesquisa entendem habilidades sociais como uma boa interação social e uma boa convivência em sociedade.

4.3 ÍNDICE DE HABILIDADES SOCIAIS DOS PROFESSORES ENGENHEIROS

As funções que os engenheiros desempenham nas organizações trazem consigo as atuais exigências das competências e a necessidade de esses profissionais desenvolverem habilidades para trabalhar

em grupo, liderar pessoas e trabalhar com diversos tipos de conflitos e pressões (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

Novos padrões de desempenho do trabalho, apoiados em critérios de duas ou mais ciências, ou setores do conhecimento e capacidade para desempenhar diversas funções com competência passam a ser exigidos dos profissionais de Engenharia enquanto agentes de transformação social e econômica (OLIVEIRA; SOUTO, 2005).

O professor, de acordo com Perrenoud (2001), é um agente do processo educacional e, portanto, precisa ser competente socialmente, já que esta competência é fundamental para o processo de aprendizagem. Sabe-se que o repertório comportamental dos professores se correlaciona com a realização acadêmica dos alunos (LIOS; MENESES, 2002). O professor que consegue entender essa relação vê em seu trabalho não somente a tarefa de expor conteúdos, mas sim desenvolver pessoas tanto cognitivamente quanto socialmente. (SOARES; MELLO, 2009).

De acordo com Angélico, Crippa e Loureiro (2010, p. 63):

Na vida universitária, um repertório de habilidades interpessoais e de desempenho de falar em público pode ser considerado imprescindível para um melhor desempenho acadêmico e social dos indivíduos. Para esse grupo, a necessidade de avaliação do desempenho social assume inquestionável relevância social e educacional, pois o comprometimento social e funcional se evidencia em prejuízos para a qualidade de vida desses indivíduos.

O professor deve utilizar de maneira competente suas habilidades sociais para garantir uma boa interação social com os alunos. Essa boa interação, além de favorecer o desenvolvimento do repertório de seus alunos, pode garantir um bom desempenho acadêmico (MEIRELLES, 2008). O professor que apresentar dificuldades nas habilidades sociais, essenciais para o contexto acadêmico, encontrará dificuldades em seu ambiente de trabalho e poderá não exercer de maneira satisfatória a sua função (SOARES et al., 2009).

O conceito atual de um comportamento socialmente habilidoso envolve a capacidade de o indivíduo atingir a satisfação pessoal, simultaneamente ao desenvolvimento e à manutenção de relacionamentos benéficos e sustentadores reciprocamente (MEIRELES, 2008, p. 9).

Essa pesquisa implicou a participação de profissionais que atuam como professores na Engenharia Civil de uma instituição de ensino comunitária. Todos os profissionais entrevistados estão concentrados no mesmo campus e curso.

Considerando-se especificamente o papel educativo do professor, compreende-se que suas competências não devem se restringir aos conteúdos técnicos, mas abranger o conjunto de habilidades sociais requeridas nas interações educativas entre professor e aluno.

As Habilidades Sociais, dentro do contexto acadêmico, não estão somente relacionadas ao desempenho profissional e ao ajuste do indivíduo na instituição, mas também ao bem-estar físico e psicológico dos estudantes universitários, podendo garantir a estes um processo de socialização saudável e satisfatório. (ANGÉLICO; CRIPPA; LOUREIRO, 2010, p. 63).

Argyle (1980 apud DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008) destacou três classes que considera específicas à atividade de ensinar: suscitar a motivação, manter a disciplina e transmitir informações, conhecimentos ou habilidades. São atribuições do profissional professor promover o desenvolvimento da aprendizagem no outro. Enquanto Del Prette et al. (1996), por intermédio dos resultados do Programa de Desenvolvimento Interpessoal Profissional (Prodip), evidenciaram que mudanças no repertório interpessoal profissional dos professores e em suas interações com os alunos implicavam uma maior efetividade do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, compreende-se que as habilidades sociais

desses profissionais têm relação direta com o desempenho dos alunos, seja em termos acadêmicos, seja em termos de habilidades sociais.

De modo geral, como podemos observar na tabela a seguir, os docentes pesquisados possuem um satisfatório *índice* de habilidades sociais.

Tabela 3 – Índice geral de habilidades sociais dos sujeitos

	Índice baixo		Índice médio		Índice alto	
	F	M	F	M	F	M
Gênero						
Índice geral de habilidades sociais	0	3	1	5	4	5
Total	3		6		9	

Fonte: os autores.

Para três sujeitos do sexo masculino, obteve-se um índice abaixo da média; cinco sujeitos do gênero masculino e um do gênero feminino obtiveram índice dentro da média esperada, e cinco sujeitos do gênero masculino e quatro do gênero feminino obtiveram índice altamente elaborado de habilidades sociais, o que denota, de modo geral, que esses profissionais possuem um índice satisfatório no que se refere ao desempenho das habilidades sociais, como pode ser observado na fala a seguir. “Sim, possuo habilidade social, porém de forma moderada.” (S16, informação verbal).

Além dos professores, os demais profissionais também precisam de um bom repertório de habilidades sociais, pois, conforme afirmam Del Prette e Del Prette (2008 apud SOARES; MELLO, 2009, p. 18), “não existe trabalho sem um mínimo de contato interpessoal.” Assim, é expressivamente importante o sujeito possuir tais habilidades bem desenvolvidas para que possa exercer de maneira competente seu trabalho, pois, caso contrário, pode ter dificuldades significativas nos âmbitos profissional, pessoal e social.

As habilidades sociais também podem ser definidas como comportamentos que permitem ao indivíduo ter uma interação social positiva tanto no âmbito pessoal quanto no social, facilitando a iniciação e a manutenção de relacionamentos saudáveis e prazerosos, com capacidade de evitar situações desagradáveis que resultem em relações sociais negativas (GRESHAM, 2013).

A Tabela 4 expõe a classificação do índice de habilidades sociais dos sujeitos atribuído por subclasses pelo instrumento IHS.

Segundo Del Prette e Del Prette (2001), as habilidades sociais podem ser organizadas em classes, e estas podem orientar a avaliação e a promoção da competência social. As classes avaliadas nos sujeitos entrevistados foram enfrentamento com risco, autoafirmação na expressão de afeto positivo, conversação e desenvoltura social, autoexposição a desconhecidos ou a situações novas e autocontrole da agressividade em situações aversivas.

Tabela 4 – Classificação do índice de habilidades sociais dos sujeitos por subclasses

Subclasses	Gênero	Índice baixo		Índice médio		Índice alto	
		F	M	F	M	F	M
Enfrentamento e autoafirmação com risco		0	3	1	3	4	7
Autoafirmação na expressão de sentimento positivo		0	3	3	2	2	8
Conversação e desenvoltura social		0	3	0	4	5	6
Autoexposição a desconhecidos e a situações novas		0	5	2	1	3	7
Autocontrole da agressividade		1	5	2	8	2	0

Fonte: os autores.

Quanto à variável enfrentamento e autoafirmação com risco, que corresponde à “[...] capacidade de lidar com situações interpessoais que demandam a afirmação e defesa de direitos e autoestima, com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor (possibilidade de rejeição, de réplica ou de oposição)” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 28), 11 sujeitos apresentam índice acima da média, o que indica um bom repertório de assertividade e controle da ansiedade diante das situações avaliadas. Desse total, quatro sujeitos eram do sexo feminino e sete, do sexo masculino em razão do alto índice de homens nos cursos de Engenharias.

Quanto às habilidades de autoafirmação na expressão de sentimento positivo, a qual se refere às “[...] habilidades para lidar com demandas de expressão de afeto positivo e de afirmação da autoestima, que não envolvem risco interpessoal ou apenas um risco mínimo de reação indesejável” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011, p. 28), três sujeitos apresentaram índice abaixo da média e cinco apresentaram índice dentro da média fatorial. Nessa variável, 10 sujeitos apresentaram índice acima da média fatorial para esse item.

Em relação à variável conversação e desenvoltura social, que denota a “[...] capacidade de lidar com situações neutras de aproximação [...] com risco mínimo de reação indesejável, demandando principalmente ‘traquejo social’ na conversação” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001), três sujeitos do sexo masculino obtiveram um resultado abaixo da média, quatro obtiveram um resultado dentro da média e 11 sujeitos obtiveram resultados acima da média, sendo cinco do sexo feminino e seis do sexo masculino.

Segundo Perrenoud (2001 apud SOARES et al., 2009, p. 37):

Sendo um agente da educação, o professor necessariamente precisa ser socialmente competente. Sua desenvoltura social dentro da sala de aula é crucial para o processo de aprendizagem. Os aspectos comportamentais do professor se correlacionam com os resultados acadêmicos dos alunos. É por meio da quantidade e do ritmo do ensino, da forma como o professor apresenta o conteúdo a ser ensinado, das perguntas aos alunos, da reação e das respostas destes, e da organização do trabalho individual na sala de aula, que se proporciona um envolvimento maior dos alunos nos seus próprios processos de aprendizagem.

Na variável autoexposição a desconhecidos e a situações novas, que inclui basicamente a abordagem a pessoas desconhecidas, fazer perguntas a desconhecidos; pedir favores a desconhecidos, falar a público desconhecido e falar a público conhecido (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001), cinco sujeitos obtiveram um resultado abaixo da média; esse resultado implica a performance do docente, pois cada turma terá uma situação nova, e se ele não possuir tal habilidade, além de se sentir desconfortável, não conseguirá desempenhar seu papel como deveria; três sujeitos obtiveram resultado dentro da média, 10 sujeitos que compuseram a amostra obtiveram resultado acima da média, sendo eles três mulheres e sete homens.

Na variável autocontrole da agressividade, que se refere à “[...] capacidade de reagir a estímulos aversivos do interlocutor com razoável controle da raiva e da agressividade”, cinco professores e uma professora apresentaram índice abaixo da média, oito professores e duas professoras apresentaram índice na média fatorial. Contudo, duas professoras apresentaram índice acima da média fatorial. Segundo Reis, Prata e Soares (2012, p. 349), “a afetividade do professor implica na aprendizagem que provavelmente é um mecanismo que tem influência sobre a motivação e o interesse por parte dos alunos no processo de aprender.” Esse resultado não é satisfatório, pois o professor precisa possuir um nível alto de autocontrole da agressividade para que seja capaz de desempenhar seu trabalho de maneira competente e adequada, uma vez que seu comportamento interfere diretamente na sua atuação. Significa que os professores possuem as habilidades, mas não conseguem utilizá-las. Quando necessitam ser tolerantes, não o são; tal resultado sugere a necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

De modo geral, percebe-se que os professores apresentam um resultado dentro da média. Dos sujeitos entrevistados, quatro apresentam bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos fatores e itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens ou fatores; três sujeitos apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens, o que é indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios. Tal resultado é esperado, uma vez que o professor necessariamente precisa ter suas habilidades sociais desenvolvidas de forma significativa para um desempenho satisfatório no contexto acadêmico.

Todavia, cinco professores e uma professora apresentaram índice abaixo da média no que se refere ao autocontrole da agressividade. Esse resultado não é satisfatório, uma vez que o professor precisa possuir um nível alto de autocontrole da agressividade para que seja capaz de desempenhar seu trabalho de maneira satisfatória, já que sua conduta interfere diretamente na sua atuação no contexto acadêmico. Se um professor não possui habilidades socialmente competentes, em especial o autocontrole da sua agressividade, não apresentará a tolerância necessária para lidar com circunstâncias aversivas que podem ocorrer no espaço acadêmico.

4 CONCLUSÃO

Com o presente estudo, verificou-se a predominância do gênero masculino na função de professores engenheiros, confirmando o já descrito em pesquisas, de que a Engenharia se rotula socialmente como uma profissão mais adequada para homens.

Visto que as habilidades sociais são da natureza humana, sendo de origem hereditária, da relação com a família e o meio social, a qual pode ser modificada e melhorada durante todo o desenvolvimento de vida do sujeito, é possível afirmar que a relação singular, ou seja, o modo como o sujeito se relaciona consigo mesmo interfere em todo o seu repertório de habilidades sociais e, por conseguinte, reflete nas suas relações interpessoais. Projetar a carreira é necessário para alcançar o sucesso profissional, e as habilidades sociais se tornam requisito importante nesse processo. Por isso, faz-se necessário o desenvolvimento de tais habilidades.

De maneira geral, os sujeitos pesquisados denotam entender habilidades sociais como uma boa interação social e uma boa convivência em sociedade, assim, compreendem as habilidades sociais como uma relação focada no relacionamento com o outro, porém excluem a importância de se relacionar bem consigo mesmos.

No que diz respeito aos resultados do teste psicológico, observou-se que os sujeitos que compuseram a amostra da pesquisa possuem índice satisfatório quanto ao desempenho das habilidades sociais. Porém, no fator autocontrole da agressividade, alguns sujeitos que compuseram a amostra apresentaram resultados abaixo da média, sendo indicativo de incapacidade no controle da ansiedade e controle da raiva em situações aversivas, pontuando déficit em habilidades sociais. Agir de modo agressivo também compreende não ser assertivo.

Sabendo que as habilidades sociais desses profissionais interferem de maneira direta na relação aluno-professor e no desenvolvimento acadêmico desses alunos, evidencia-se a necessidade desses profissionais possuírem habilidades bem desenvolvidas para realizarem seu trabalho de docência e serem modelo referencial do aluno de forma satisfatória.

Apesar de os sujeitos pesquisados apresentarem alto nível de qualificação e demonstrarem possuir habilidades sociais, não conseguem empenhá-las da forma satisfatória esperada pelo meio acadê-

mico. Isso ocorre por diversos motivos, como falta de capacidade de controlar a ansiedade e dificuldade de leitura dos sinais do ambiente.

Sugerem-se novas pesquisas, especificamente com professores universitários, para que se avaliem os aspectos positivos e fragilizados referentes às habilidades sociais, para que as universidades possam dar suporte a esses profissionais no sentido de oportunizar treinamentos específicos para que eles possam superar suas fragilidades, melhorando, dessa forma, a qualidade de vida do profissional e favorecendo diretamente a relação professor-aluno, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANGÉLICO, A. P.; CRIPPA, J. A. S. LOUREIRO, S. R. **Transtorno de ansiedade social e habilidades sociais de falar em público**: estudo experimental. 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v12n1/artigos/html/v12n1a02.html>>. Acesso em: 24 out. 2016.

BAECHLER, J. Religião. In: BOUDON, R. (Org.). **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Org.). **Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BARTHOLOMEU, D.; SILVA NUNES, C. H. S. da; MACHADO, A. A. Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. **Psico-USF**, Itatiba, v. 13, n. 1, p. 41-50, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v13n1/v13n1a06.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos Psicológicos**, Natal, v. 7, n. 2, jul. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200004>>. Acesso em: 16 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação Superior. **Resolução n. 3**, de 14 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sai/legislacao/arquivoslegislacao/Resolucao%20MEC_CNE%20no%2003-2010%20%20Credenciamento%20e%20Recredenciamento%20de%20Universidades.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.

CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. 5. ed. São Paulo: Santos 2012.

DANTAS FILHO, N. **A cidade dos bondes – uma nova mobilidade para uma nova cidade**. Monografia. 2013. Disponível em: <<http://www.bhtrans.pbh.gov.br/portal/page/portal/portalpublicodl/Temas/Observatorio/observatorio-da-mobilidade-publicacoes-2013/Monografia%20-%20Espa%C3%A7o%20dos%20bondes%20-%20N%C3%A9lson%20Dantas.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na Infância**: teoria e prática. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais**: terapia educação e trabalho. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, A. et al. Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR, 3., 1996, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 1996.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Inventário de habilidades sociais (IHSA-Del-Prette)**: manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. **Pai-deia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, set./dez. 2008.

FALCONE, E. M. de O. et al. Inventário de Empatia (I.E.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, dez. 2008.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GRESHAM, F. M. Psicologia das Habilidades Sociais. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.). **Diversidade teórica e suas implicações**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNIOR, C. **IBGE: sobe nº de casamentos, que ocorrem cada vez mais tarde**. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/ibge-sobe-n-de-casamentos-que-ocorrem-cada-vez-mais-tarde,4b383e06da8ab310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 18 out. 2016.

LIPP, M.; BENZONI, P. E. Baralho das atitudes. **Uma técnica para desenvolvimento da assertividade pessoal e de grupos**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

MEIRELLES, R. **As relações entre as medidas de habilidades sociais do professor do ensino fundamental II e seu desempenho social em sala de aula**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, J. P.; SOUTO, M. S. M. L. Competências e habilidades previstas pelas diretrizes curriculares para os cursos de engenharia e os currículos implantados pelas universidades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA, 2005, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: ABENGE, 2005. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2005/artigos/CE-13-16741854304-1119018589745.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

PERRENOUD, P. A ambigüidade dos saberes e da relação com o saber na profissão de professor. In: **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**, do mesmo autor. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 135-193.

PINTO, D. P.; OLIVEIRA, V. F. Reflexões sobre a prática do engenheiro-professor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA, 2012, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: ABENGE, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/observatorioengenharia/files/2012/01/Danilo-Vanderli.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

PINTO, M. de F. N.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. O trabalho docente na educação infantil pública em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/07.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

REIS, V. T. da C.; PRATA, M. A. R.; SOARES, A. B. Habilidades sociais e afetividade no contexto escolar: perspectivas envolvendo professores e ensino-aprendizagem. **Psicologia. Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 347-357, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/Psicologiaargumento/2012/vol30/no69/15.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

ROSSI, F.; HUNGER, D. **As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física**. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/14.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2014.

SANTOS SÁ, M. A. A. dos; ALMEIDA, L. R. de. Envelhecimento profissional nas trajetórias de professores engenheiros. **Psicologia e Educação**, São Paulo, n. 40, p. 59-76, jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752015000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2016.

SANTOS, A. A. A. dos; MOGNON, J. F.; JOLY, M. C. R. A. Crenças de autoeficácia na transição para o trabalho em formandos de engenharia. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 197-204, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167933902011000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2016.

SILVA, L. A. S. **Habilidades sociais de professores universitários da área de exatas e humanas: um estudo comparativo**. jun. 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuuacao/psicologia-escolar/habilidades-sociais-de-professores-universitarios-da-area-de-exatas-e-humanas-um-estudo-comparativo>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

SOARES, A. B. et al. **Estudo comparativo de habilidades sociais e variáveis sociodemográficas de professores**. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n1/v11n1a04.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.

SOARES, A. B.; MELLO, T. V. dos S. Habilidades sociais entre professores e não professores. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 5, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.rbtc.org.br/detalhe_abstract.asp?id=101>. Acesso em: 25 out. 2016.

